
A cidade como biblioteca: percursos de costura do livro e da leitura no tecido urbano

The city as a library: sewing paths of books and reading in the urban fabric

Lilian Alves Gomes



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10354>

DOI: 10.4000/pontourbe.10354

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Lilian Alves Gomes, «A cidade como biblioteca: percursos de costura do livro e da leitura no tecido urbano», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia , consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10354> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10354>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

A cidade como biblioteca: percursos de costura do livro e da leitura no tecido urbano

The city as a library: sewing paths of books and reading in the urban fabric

Lilian Alves Gomes

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 01/05/2020

Aceitação / Accepted 22/04/2021

- 1 O desinteresse pela leitura é um lugar-comum facilmente atrelado às pessoas brasileiras, principalmente àquelas mais jovens. Esse estereótipo tem como referencial um tipo ideal de leitor, aquele solitário e antissocial que se refugia da agitação da *urbe*. Nesse sentido, um espaço íntimo hermético é naturalizado como *locus* da experiência de leitura.
- 2 Em contraponto ao leitor ensimesmado, o imaginário coletivo sobre a paisagem urbana contemporânea é povoado por habitantes que não vivenciam o espaço por onde transitam, pois, além de transitarem por lugares de passagem, estão completamente imersos nas interações propiciadas por meios telemáticos. No âmbito desse lugar-comum, o uso generalizado de *smartphones*¹ e dispositivos correlatos aprofundou o atrofiamento das relações intersubjetivas face a face - já tão percebidas como precárias - no espaço das grandes cidades.
- 3 Nessa perspectiva, o celular é o dispositivo-chave para corroborar a visão da cidade como um vácuo de relações. As pessoas preferem estar atentas às múltiplas notificações que vêm das telas a interagir com os estranhos. Na contramão desse cenário, convido o leitor a ser capturado por outro objeto: o livro. Assim, *Ninhos de Livros*, *Bibliotecas Livres* ou *Sem Paredes*², *Gelotecas* - iniciativas que conheceremos melhor adiante - são arranjos

que, ao passo que prendem nossa atenção, indicam como os livros mobilizam relações sociais na cidade.

- 4 A analogia com armadilhas é sugestão do antropólogo inglês Alfred Gell (2001), que ao se deparar com uma rede de caça exibida em uma galeria de arte contemporânea, teorizou sobre o poder de captura de certos objetos que nem sempre têm o estatuto de “obra de arte” consolidado. Eles atuam como armadilhas, segundo o autor, porque cristalizam não só os propósitos de quem os confecciona, como também a “rede de intenções” que leva o público a cair na armadilha. Sendo uma armadilha, por definição, a rede impede a livre passagem. Constitui-se, portanto, como uma excelente metáfora recursiva de captura e contenção. Outros objetos, contudo, quando “armados” com cuidado, detêm espectadores e mantêm a atenção em suspensão. Galerias de arte são lugares de captura por excelência, mas objetos que circulam fora desses espaços também possuem capacidade agentiva de captura.
- 5 A inspiração para pensar a cidade como suporte vem ainda da proposição de “intervensões urbanas” feita por artistas no Brasil desde 1960. Nessa perspectiva, a territorialidade da cidade é espaço ampliado de reflexão, crítica e investigação, palco de alternativas aos circuitos oficiais e elemento fundamental no estabelecimento do corpo a corpo da obra com o público (Barja, 2008). Nas linhas abaixo, os livros e as ações nas quais se imiscuem são as intervenções/armadilhas que nos auxiliam a pensar a cidade além de um mero pano de fundo por onde transitam sujeitos antissociais e completamente reconfigurados pela tecnologia.²



Montagem capturada na internet

Tinha um livro no meio do caminho

- 6 O *bookcrossing* consiste basicamente em deixar um livro num local público para ser encontrado e lido por outro leitor, que por sua vez deverá fazer o mesmo. Como é informado na página do Bookcrossing Brasil³, “o objetivo é transformar o mundo

inteiro numa biblioteca”. A iniciativa teve origem nos Estados Unidos e atualmente está presente em mais de cento e trinta países. A comunidade literária internacional pauta-se nos gestos de “Ler, Registrar e Libertar”. O registro de exemplares no site permite que eles sejam numerados (BCID BookCrossing Identification Number). Assim, quem “liberta” um livro pode acompanhar sua trajetória, desde que as pessoas que o encontrem continuem a enviar informações sobre o local onde atualmente ele está sendo usufruído. Os livros podem ser libertados em pontos oficiais ou em outros lugares com potenciais leitores. Na página da iniciativa é possível ter informações tanto sobre livros “libertados” - como, por exemplo, “Na estante de livros amarela da estação” - quanto sobre os “capturados” recentemente. Uma usuária informou o “agradável mistério” que a levou a entrar na comunidade: “Cheguei em casa hoje depois do feriado de Natal e encontrei o livro na caixa de correio. Um presente tão agradável :-)”.

- 7 A maneira como um livro chega ao seu leitor é importante. Os rastros dos périplos das obras são diversos: dedicatórias, riscos deixados por desconhecidos, páginas dobradas, marcadores improvisados, marginálias. Os “comentários da libertação ao acaso” presentes na plataforma Bookcrossing evidenciam como as vicissitudes das “viagens” dos exemplares muitas vezes são mais alvo de atenção do que o conteúdo em si dos livros.
- 8 Como discuti em outra oportunidade (Gomes, 2017), o fato de algo ser encontrado sem ter sido procurado incrementa a “biografia cultural” (Kopytoff, 2008) das coisas. A cidade é um elemento importante nessa inflexão que transforma os livros em dons ofertados a desconhecidos. Conhecemos uma série de iniciativas de “livros livres” que, de modo semelhante ao projeto *Bookcrossing*, exploram o espaço público como local de encontro entre livro e leitor.
- 9 Pontos e terminais de ônibus, estações de trem e metrô, bem como os próprios interiores de veículos de transporte público, sejam ônibus ou vagões, são vistos como lugares estratégicos para “esquecer” propositalmente um livro⁴. Adiante abordaremos a leitura no transporte público de forma mais detida. Por ora, cumpre assinalar que em diversas cidades o incentivo à leitura durante as viagens resultou na incorporação de estantes, caixotes, *displays* e outras estruturas para exposição de livros ao mobiliário urbano de paradas de ônibus, estações de trem e metrô, aeroportos.
- 10 Os “ninhos de livros” são pequenos nichos espalhados por locais bastante variados, tais como praias, praças, parques e calçadas. Em geral, ficam a céu aberto, são presos a postes e têm formato similar ao de casinha de passarinho. Em função de sua dimensão reduzida, podem passar despercebidos por passantes apressados. Por outro lado, muitas pessoas que pousaram o olhar nas simpáticas e coloridas caixinhas relataram o encontro em postagens com fotos dos ninhos:

Finalmente conheci cara a cara um ninho de livros! Nessa casinha, você deixa um livro e pega outro e assim as leituras vão acontecendo. Muito simpático.

@menos1naestante, Flip [Paraty - RJ] 2017, 27 de julho de 2017.

Olha o que eu achei no Parque Guinle. Um ninho de livros! Na verdade é um troqueiro de livros que fica na praça! Você pega um e deixa outro no lugar! Amei a ideia!

@andreaferreersgorgulho, Parque Eduardo Guinle [Rio de Janeiro - RJ], 29 de julho de 2016.

Indo para Livraria me deparei com essa excepcional iniciativa: ninho de leitura. Na hora da foto eu não tinha nenhum livro para deixar ou trocar, mas vou fazer isso.

@pascoalnaib, Livraria Cultura [Fortaleza - CE], 10 de março de 2017.

Mais um dia sem carro e mais uma descoberta pela cidade. Encontrei na recém-reformada Praça da Imprensa uma iniciativa muito legal. A ideia do Ninho de Livros é que as pessoas deixem um livro na casinha e peguem outro de graça. Além do exercício social, o que achei mais interessante foi ver os temas “depositados”. Nessa única caixinha que eu abri qualquer pessoa pode além de ler romances, aprender sobre marketing, pesquisa, política, leis, religião, química, história, filosofia e até praticar inglês! Deixei minha contribuição com “O pergaminho de Jerusalém”, um romance que mistura fatos históricos com elementos de ficção e foi escrito por um cearense pouco conhecido :) Peguei de volta dois livretos em inglês (li em 10 min e devolvi) e um romance de Sidney Sheldon para exercitar a quebra de preconceito com a literatura popular. :) Curti. :)

@glacial, Praça da Imprensa [Fortaleza - CE], 14 de agosto de 2015.

- 11 Nos relatos acima, percebemos como a estimada relação entre livros e acaso é possibilitada graças aos percursos na cidade. A manipulação de objetos (os livros e as casinhas onde pousam temporariamente) é feita por leitores e pedestres. Michel de Certeau (1998) afirma que a infiltração de desejos no espaço diz mais respeito aos praticantes do que aos fabricantes. Segundo o autor, o repertório de operações próprias característico dessas práticas cotidianas envolve astúcias e surpresas táticas: “...astúcias de caçadores, mobilidade das manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos.” (Certeau 1998:104)
- 12 Os “modos de fazer” o espaço urbano compreendem, assim, manipulações e táticas de uso que não se reduzem a atos de consumo. Há, inclusive, um quê de clandestinidade e de pirataria próprio de ações quase invisíveis e pouco dadas a mapeamentos ou serializações. O achado não se configura como tal se estiver no mapa. Caminhadas e perambulações individuais, nesse sentido, são oportunidades de fazer a cidade com os livros.



Foto capturada pela autora no centro do Rio de Janeiro

Se você ama seus livros, deixe-os livres

- 14 A Biblioteca sem Paredes é uma iniciativa de distribuição gratuita de livros que desde 2011 se ancora mensalmente na feira comunitária de trocas e sustentabilidade “Desapegue-se”, realizada no bairro Grajaú, no Rio de Janeiro. Exemplares também são distribuídos em bares, viagens de metrô, eventos variados e onde mais os idealizadores avaliarem como oportuno. Nos livros doados é afixada uma etiqueta com os seguintes dizeres: “Este livro é nosso presente para você. Leia e passe adiante, assim praticamos o Desapego e propagamos o conhecimento para o maior número de pessoas.” Essa espécie de dedicatória também traz os endereços das redes sociais *online* da iniciativa, onde são publicadas fotos de exemplares disponíveis. Caso a pessoa interessada não possa buscar o livro em um dos eventos com a presença da Biblioteca sem Paredes, há a opção de remessa do livro mediante o pagamento dos custos de postagem.
- 15 Segundo Carlos Farias, um dos criadores da Biblioteca, a recepção dos livros gera sentimentos que vão do encantamento à desconfiança⁵. Carlos já foi perguntado se ganharia algo com isso, se o presente na verdade não seria uma pegadinha para posterior oferecimento de um serviço pago. Contudo, de acordo com nosso interlocutor, a dificuldade de alguns em lidar com um objeto sem presumir que se trata de uma mercadoria é pouco significativa em relação à quantidade de pessoas que o procuram para se desapegar de livros.
- 16 Os livros dons são abundantes: há muita gente querendo viver com menos coisas, subvertendo a ideia do apego, do ciúme e dos livros acumulados em casa. A iniciativa insere-se, portanto, nas iniciativas de “desmobilização” vivenciadas pelos jovens. Trata-se de pessoas que estão em busca de tomar distância da aceleração contemporânea. A tentativa de fugir do excesso de movimento tipicamente moderno abarca o cultivo de economias alternativas à economia monetária, a desaceleração do consumo e a promoção do compartilhamento. (Almeida et al, 2016)
- 17 Os ninhos de livros mencionados no tópico anterior também são ancoradouros temporários de destinação dos livros de pessoas optantes por essa “paragem” que implica em guardar (ao menos em parte) a biblioteca pessoal na lembrança.

#doações: Gente, estou doando alguns livros da minha (já pequena) estante. Estou me desfazendo desses livros ou porque li e não gostei, ou li e gostei e quero que vocês leiam também :) Ou nem li... Em geral, são livros que não acho válido deixar mofando na minha estante. Vou deixar todos eles, hoje ainda, no Ninho de Livro lá da Praça da Imprensa. Para quem não sabe o que é Ninho de Livro: é um projeto que disponibiliza casinhas de leitura em pontos da cidade onde você pode deixar livros para outras pessoas.

@duasestantes, Fortaleza, 24 de março de 2016.

Exercício (físico e de desapego) nosso de quase todo dia. Quem convive(u) comigo sabe que ando repassando livros como quem distribui souvenirs de Raffeau por aí. A verdade é que me libertei da vaidade de manter uma frondosa estante ostentando centenas de livros, versão lúdica do piano de cauda que atravessa a sala daqueles que o tocam. A estante já mudou e diminuiu de tamanho na última mudança de apartamento (que também é bem menor, aliás) e a intenção é um dia eliminar ou pelo menos ressignificar sua presença. Assim, ficar mais leve numa próxima mudança de casa e quem sabe até descobrir uma essência (minha, talvez), mas principalmente das letras que nutrem e por isso mesmo não merecem a estática de um móvel que paradoxalmente carrega tal nome. Diante disso, procuro deixar que circulem e cumpram a sua função social aqueles volumes que não pretendo visitar em breve ou que não tenham valor sentimental (se foi presente e tem dedicatória, não consigo desapegar, confesso). Para tanto, serve entregar para amigxs (lembrei de tu/ combina contigo / toma), entregar na rua para quem revenda ou deixar a

esmo em local público mesmo. Hoje foi a vez de deixar esses dois títulos que me remetem aos tempos de faculdade de Economia no #ninhodelivros do calçadão.
@ahfael, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2017.

- 18 O desaparego do leitor acima encontra seu limite nos livros que lhe foram ofertados e contêm dedicatória. Essa amorosa forma de presença da dádiva na página também tem se reconfigurado para que os livros sejam livres. Para tanto, a dedicatória é escrita em folha à parte, que pode ser utilizada como marcador e posteriormente guardada quando for o momento de deixar o livro ganhar o mundo.
- 19 Diferentemente dos relatos em consonância com o imperativo “se você ama seus livros, deixe-os livres”, um de nossos entrevistados é cativo das bibliotecas pessoais com quantidades insondáveis de exemplares. Ele empresta obras para amigos próximos, mas definiu o processo de desaparecer de um livro como “doloroso”. Ao comentarmos que passamos por um ninho de livros perto da estação de trem, no caminho para sua casa - em Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, onde realizamos a entrevista - o jovem se lembrou que, apesar de ser bastante apegado aos seus livros, gostaria de deixar um deles no ninho.
- 20 Tratava-se de *Feliz Ano Velho*, romance de Marcelo Rubens Paiva, comprado em atendimento à demanda da professora de literatura, a quem o entrevistado atribui muito da sua intensa sociabilidade em torno dos livros. O jovem possui um grupo de colegas de sala com quem se reúne frequentemente fora do espaço da escola (em parques, praças etc.) para realizar leituras coletivas de obras variadas (como a saga Harry Potter, por exemplo). “Feliz Ano Velho” desagradou os membros do grupo que são “a favor da ditadura”.
- 21 No romance autobiográfico, Paiva narra o acidente que o deixou tetraplégico depois de um mergulho em um lago e ainda o aflitivo dia que em militares invadiram sua casa e levaram seu pai, o deputado Rubens Beyrodt Paiva, que o autor não voltaria mais a ver. Lançado em 1982, o livro foi best-seller na década de 1980, ganhou várias adaptações para o teatro e gerou um filme.
- 22 Segundo nosso entrevistado, é o tipo de livro que “dá raiva” e por isso poderia ter sido lido em formato digital e em seguida deletado. Como ele teve acesso ao livro em papel, doou para outro estudante após ter cumprido a tarefa escolar. No entanto, ganhou outro exemplar!
- 23 Umberto Eco e Jean Claude Carrière (2010) discorrem sobre “livros que fazem de tudo para cair em nossas mãos”. Os autores falam enquanto colecionadores e, portanto, corroboram o imaginário que há uma espécie de comunicação entre objeto desejado e quem o encontra. No caso em análise, a insistência do livro em voltar para as mãos do garoto não é motivo de regozijo. No lugar do relato sobre as peripécias do achado, temos a externalização do desejo de se livrar do objeto que o coloca em contato com ideias que ele não tolera.
- 24 Ao ser perguntado se já colocou fogo em algum livro, o jovem disse que teve vontade de queimar o livro de Marcelo Rubens Paiva, mas não teria coragem, seria “sacrilégio”, “muito pecado”. A “estantezinha na rua” despontou então como possibilidade para se livrar do exemplar. Diante de nossa presença, pediu que levássemos o romance. O contato com esse entrevistado foi importante para visualizarmos o que leva à libertação de livros cujos enredos despertam (ou ressonam) ódio. Nesse contexto, o livro enquanto objeto em si e que nunca deve ser destruído parece suscitar mais empatia do que o

episódio de desaparecimento de uma pessoa - provocado por militares - narrado em *Feliz Ano Velho*.

- 25 Ao pensarmos nas motivações que fazem os livros pousarem nos ninhos, é preciso ainda ter em conta o “destralhe”, bastante em voga, como indica o estrondoso número de vendas de livros em torno dos benefícios da arrumação de ambientes, como as da japonesa Marie Kondo. Em contraposição à ampla divulgação de motes tais como “o que não nos traz alegria não deve ficar conosco”, há um notável silêncio sobre o descarte adequado. Ao longo da pesquisa observamos muitas casinhas sendo utilizadas como depósitos de livros didáticos desatualizados; manuais de instrução, apostilas de cursinho vestibular ou de idiomas; regulamentos diversos, livros jurídicos antigos e obras em estado de conservação bastante precário, o que é agravado pelo fato da maioria dos ninhos ficar a céu aberto.
- 26 Por isso, as ações de incentivo aos “livros livres”, como as organizadas na publicação cartonera⁶ *Ideias para Bibliotecas Livres - Um Manual prático de autogestão independente*, também são direcionadas à conscientização sobre a circulação adequada do material em questão. O destino do que está entulhando depósitos e garagens muitas vezes deve ser a reciclagem. Espera-se que as pessoas encaminhem para bibliotecas livres e outros projetos de incentivo à leitura livros em estado que ela própria apreciaria receber. O encaminhamento dos livros é incentivado não em função de estarem em condição de manuseio, mas porque entende-se que eles devem circular: “Livro parado vira depósito de pó e refeição de insetos oportunistas. Faça com que os livros continuem circulando.” (Carneiro e Rocha 2015: 32)
- 27 Nas bibliotecas ou ações de livros livres, o empréstimo não envolve cadastro, prazo estabelecido para ler, muito menos multa ou outro tipo de punição pelo atraso na devolução. A propósito, não há data estabelecida para retorno da obra e este não é imprescindível: a pessoa é livre para emprestar a outra pessoa e ainda para “libertar” o livro em outra cidade. (Carneiro e Rocha 2015: 8-9) Ou seja, são esforços bastante direcionados para a minimização da esfera burocrática e formal das bibliotecas.
- 28 As ações de livros livres também têm se espalhado por espaços semipúblicos, como portarias de prédios, cafés, bares, restaurantes etc. Nos espaços a céu aberto, as vistosas *Gelotecas* chamam atenção em contraposição às dimensões sutis dos ninhos de livros. São geladeiras em desuso customizadas por artistas - em geral, grafiteiros - que passam a funcionar como bibliotecas comunitárias livres. Uma funcionalidade própria desse tipo de objeto ressignificado para disposição dos livros é o fato de já conter prateleiras, bem como seu caráter de abrigo, como foi explicitado em uma postagem: “As gelotecas estão em alguns pontos de Paquetá. Só ficarão com a porta fechada por conta da chuva. Mas é só abrir e pegar os livros, levar para casa, devolver se quiser, doar outros, arrumar também pode, rs. Eles são de vocês.” (@cariocandonailhadepaquetá, 04 de agosto de 2018.)
- 29 Para além dos aspectos funcionais, é interessante pensar como, ao passo que os ninhos de livros evocam pássaros que, entre uma viagem e outra, pousam; as geladeiras mobilizam ideias em torno do livro como alimento. As portas dos outrora eletrodomésticos ostentam mensagens tais como: “Você tem fome de quê?”, “Sede de leitura?”, “Abra a geladeira e pegue um livro fresquinho”, “Não congele suas ideias”, “Leve um livro, refresque sua mente, deixe outro, me alimente”. A interpelação para que as pessoas se sintam livres para se abastecer também convoca ao abastecimento da

instalação. *Gelotecas* “recheadas” só são possíveis se o caráter colaborativo inerente a esse tipo de iniciativa for constantemente retroalimentado.

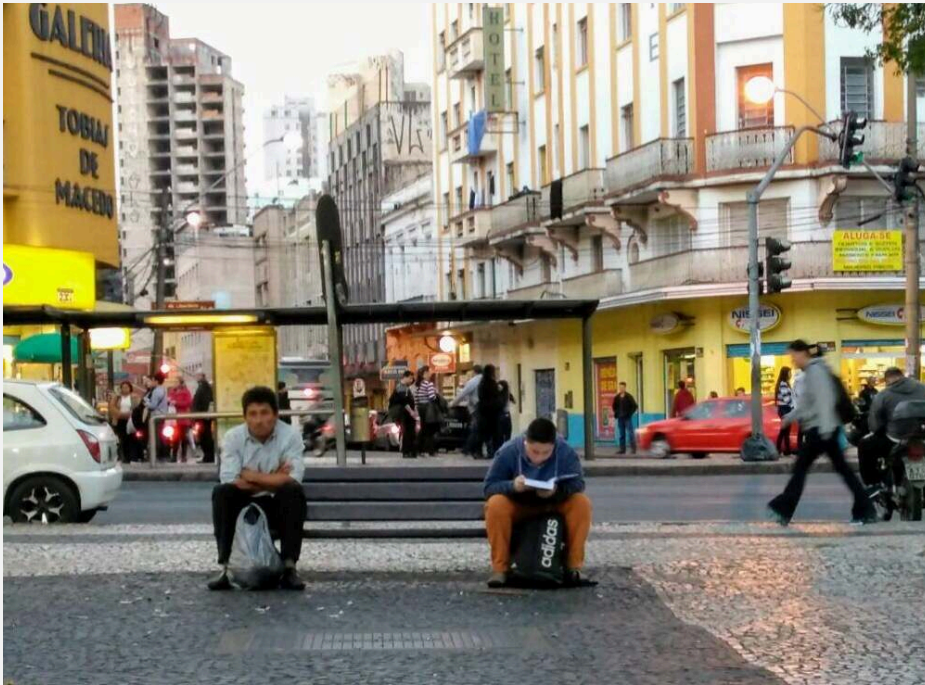


Foto capturada pela autora no centro de Curitiba

30

Ler para si e para o outro na cidade

- 31 A celebração dos achados, da poética e da apropriação das cidades pode ser observada em grandes centros que repelem atividades não rentáveis, como a leitura. A arquitetura hostil, bem como o risco de permanecer imerso em um livro e ser surpreendido pela violência urbana, são fatores que corroboram para que os sujeitos sejam apartados do espaço. Visualizamos brechas nesse padrão e miramos entrelaçamentos sutis do livro no tecido urbano. As ações micropolíticas em tela possibilitam o acesso ao livro e o fomento de espaços que vão de encontro a políticas de planejamento que corroboram com isolamento social e consequente declínio das experiências socialmente partilhadas. Mas e a prática de leitura no espaço urbano? A partir de quais frestas podemos visualizá-la?
- 32 Mobilizado pela necessidade de “fazer coisas na rua” que se tornou muito candente após as manifestações de junho de 2013, Leonardo Villa-Forte e Ana Hupe criaram a instalação urbana *Paginário*, composta por fotocópias de páginas de livros diversos selecionadas por leitores e afixadas em muros da cidade. Segundo Leonardo, sua inspiração maior foi a Escadaria Selaron, obra arquitetônica localizada entre os bairros de Santa Teresa e Lapa, no Rio de Janeiro, decorada pelo artista chileno radicado no Brasil, Jorge Selarón, com azulejos trazidos por pessoas de diversas partes do mundo. O amor pelos livros conjugado com olhar para esse ponto da cidade lhe trouxe a vontade de montar algo que “de perto fosse texto e de longe, imagem”.

- 33 A chamada para participação na montagem do *Paginário* é feita via redes sociais *online* e com auxílio de vídeos que mostram aos potenciais participantes como a montagem do mural é realizada.

“Você pode trazer livros/páginas de romances, contos, ficções, poemas, ensaios, e uma ou outra imagem (foto, desenho, quadrinhos etc.). Não se acanhe! A arte, a cultura e o pensamento neste país vêm sendo maltratados, e aqui você terá liberdade para compor nosso mural com textos desde dramáticos até cômicos, filosóficos até históricos, eróticos até políticos. Se os textos puderem ter alguma relação com a cidade do Rio ou com o Brasil, é uma boa. Mas não é necessário. Afinal, a arte e a literatura servem pra mexer com a gente.”⁷

- 34 O modo de fixação das páginas, com cola, à moda de cartazes de propaganda lambe-lambe, evidencia um modo de apropriação do objeto livro no qual é importante mostrar fragmentos de textos em diálogo com um tradicional modo de trazer informações à vista na cidade. A instalação tem durabilidade variada, sendo muitas vezes removida pelo serviço de limpeza urbana. Enquanto permanece, insta os passantes a percorrê-la com os olhos...
- 35 Ao abordamos a leitura **na** cidade, é imprescindível frisar a leitura **da** cidade: como bem colocou Paulo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Lucia Santaella (2004) nos fala do leitor “movente”, produto da Revolução Industrial, que precisa ser rápido, atento e ler muito ao seu redor: as placas comerciais e de trânsito; a iluminação; os símbolos; o fluxo de pessoas e veículos; enfim, uma infinidade de informações.
- 36 O olhar que romantiza o leitor no espaço público, considerando que ele vivencia um universo à parte ao estar capturado por um livro - como que delimitado do mundo, mesmo no desconcertante horário de *rush* - desconsidera que as interpelações do ambiente são componentes ativos na experiência de ler, por exemplo. A propósito do transporte público, como bem explora Janice Caiafa (2006), ler é estar alhures, mas na cidade experimentamos fazê-lo na companhia do outro. Tendo em vista que iniciei o texto expondo a dificuldade de pensarmos o ato de ler outros espaços que não os privados, é importante sublinhar o importante papel do leitor de transporte público na empreitada de ‘desencastelar’ o corpo do leitor.
- 37 “Ler alguém lendo um livro que você ama é como ver um livro recomendar alguém” é uma máxima replicada entre leitores apaixonados. Logo, a espiadela na leitura alheia é mais bem-sucedida quando se visualiza a capa, como podemos observar sendo celebrada em perfis do *Instagram* povoados de flagras de pessoas portando livros e imersas na leitura deles em ônibus, metrô e similares. Um deles é @temgentelendo, que mostra pessoas de várias idades lendo em lugares diversos. Segundo a criadora da iniciativa, Mic Paiva,
- as pessoas dizem que brasileiro não lê, o que não é mentira, mas queria mostrar que tem gente que lê também, e, assim, viralizar isso de alguma forma. Mostrar o hábito da leitura e ver se “pega” nos outros. E até vejo que, em microescala, funciona. Já ouvi várias amigas e amigos de amigos dizendo que passaram a ler no metrô esperando alguém fazer foto. Nem é micro, é nano...
- 38 No nova-iorquino @Hot Dudes Reading, seguido por mais de um milhão de pessoas, o olhar para homens atraentes compenetrados na leitura é motivo de compartilhamento e fantasia coletiva. As postagens são acompanhadas da hashtag #noKindles, ou seja, a sensualidade do corpo do leitor envolve a relação com os livros em papel, preferencialmente os de muitas páginas.

- 39 O erotismo do ato de ler de que nos fala Roland Barthes (1984), é então atualizado para tornar também os homens leitores figuras a serem observadas, um pouco clandestinamente, por um olhar externo, como tantas vezes aconteceu com as mulheres. A leitura é uma atividade historicamente retratada como feminina, em cenas nas quais o desejo se faz presente na intimidade com o livro. A visão de tamanha proximidade e entrega ao objeto, nesse sentido, torna o observador um *voyeur*. Ver alguém absorto diante de um livro e rindo, arregalando os olhos de espanto, franzindo a testa etc., é um modo reservado de participar de um momento de prazer.
- 40 A **leitura para si** não tem sido a única praticada nos meios de transporte público no Rio de Janeiro. Ônibus, vagões e barcas têm sido ocupados por coletivos de jovens artistas como @Poetas do Vagão e @Poetas Favelados. Desse modo, o tradicional pedido de “desculpa por incomodar o silêncio da viagem” feito por vendedores ambulantes tem sido utilizado para introduzir a recitação e a improvisação de versos.
- Nós, do coletivo Poetas Favelados, sentimos o quanto a poesia inspira, grita e aquece nossos corações. Mas também que ela precisa ser ouvida pela tia que trabalha de segunda a segunda e nunca foi em um sarau, pelo menó que acha o colégio chato e pelo tio, que nunca conheceu nenhum poeta vivo. Pensando nisso, vamos começar a realizar saraus itinerantes em transportes e espaços públicos pela cidade com o nosso primeiro Ataque Poético.⁸
- 41 Como pode ser visto no convite para o Ataque Poético dos Poetas Favelados, a **leitura para o outro** no transporte público não visa apenas arrefecer a lentidão do trânsito das grandes cidades, nas quais o deslocamento suga várias horas do dia das pessoas. As iniciativas inserem-se no eco de mobilizações por direito à cidade e (re)sensibilização do espaço, evidenciando a emergência de novos atores no campo literário, tão marcado pelo elitismo. Significativamente, os três primeiros Ataques Poéticos homenagearam autoras negras: Elisa Lucinda, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.

Considerações finais

- 42 Buscamos trazer à baila modalidades não comerciais de circulação de livros e que não se limitam ao troca-troca entre iniciados. A doação fora do registro da caridade, o desapego, a colaboração, enfim, a alimentação de iniciativas de livros livres dizem respeito a um sentido de público reiteradamente obliterado do planejamento urbano. Em espaços projetados para exclusão, como provoca Jane Jacobs, “compartilhar é um termo legitimamente aversivo” (2011: 67). Ainda nos termos da autora, “o resultado mais comum nas cidades, onde as pessoas se veem diante da opção de compartilhar muito ou nada, é o nada. Em lugares da cidade que careçam de uma vida pública natural e informal, é comum os moradores manterem em relação aos outros um isolamento extraordinário” (2011: 70). Na contramão desse movimento, tornar as calçadas organismos vivos, onde contatos são possíveis, em vez de temidos, é um dos caminhos para fazer florescer a vida pública nas cidades.
- 43 Encontrar um livro sem procurar; alimentar uma ação de livros livres; espiar a leitura de quem está na mesma viagem de transporte público, mas parece estar distante; ouvir um poema no metrô. A caminhada e o achado de tais gestos possibilitou que não tomássemos o livro (em suas várias possibilidades de formato) como um objeto com valor em si mesmo. O que nos mobilizou foi o fluxo de relações sociais que ele agrega. Quais pessoas, situações e objetos podem ser conectados por meio dos livros no espaço

urbano? Nos termos de Bruno Latour (2008), mais do que como objetos, podemos pensá-los como sujeitos na composição do social.

- 44 Leitores, em especial jovens, se valem dos livros e da leitura como forma de estar na cidade e para se relacionar com outras pessoas que a experimentam cotidianamente, vivenciando os conflitos em torno dos usos do espaço e a possibilidade de transformá-lo. Ações micropolíticas, como ensinam Deleuze e Guattari (2002), inserem-se em processos de produção de subjetividades delineadas por esferas individuais, coletivas ou institucionais. Sendo a subjetividade um processo constantemente engendrado e muitas vezes fugidio, não há sentido em fixá-la a partir de análises estanques. Coubermos então dar a ver como livros são uma espécie de coordenada movente que promove capturas temporárias nas arenas de produção de subjetividade que chamamos de territórios literários.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (org). 2016. Cartografias da Paragem: Desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma.
- BARJA, Wagner. Intervenção/terintervenção - A arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RIC I), v.1 n.1, p.213 - 218, jul./dez. 2008
- BARTHES, Roland. 1984. « Sur la lecture », Le Bruissement de la langue, Paris, Le Seuil, 1984.
- CAIAFA, Janice. Solidão povoada: viagens silenciosas no metrô do Rio de Janeiro. Contemporanea, vol. 4, nº 2, p. 45-64, dezembro 2006.
- CARNEIRO, Daniele e ROCHA, Juliano. 2015. Ideias para Bibliotecas Livres. Um manual prático de autogestão independente. Magnolia Cartonera e Bibliotecas do Brasil, 2015.
- CERTEAU, Michel de. 1998. A Invenção do Cotidiano: vol 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 2002. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2002.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. 2010. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FREIRE, Paulo. 1989. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GELL, Alfred. A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. Arte e Ensaios, Rio de Janeiro, v. 8, n. 8, p. 174-191, 2001.
- GOMES, Lilian Alves. A peregrinação das coisas - trajetórias de imagens de santos, ex-votos e outros objetos de devoção. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: MN/UFRJ, 2017.

JACOBS, Jane. 2011. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KOPYTOFF, Igor. 2008. A Biografia Cultural das Coisas: A mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. A Vida Social das Coisas. Niterói: EdUFF, pp. 89-121.

LATOUR, Bruno. 2008. Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor-red. Manantial, Buenos Aires, 2008.

SANTAELLA, Lucia. 2004. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

NOTAS DE FIM

1. No decorrer deste texto, as palavras em itálico indicam, como de praxe, vocábulos estrangeiros ou títulos de trabalhos, além de termos significativos do universo pesquisado. O negrito será utilizado como marcador de ênfase. As aspas simples serão utilizadas para assinalar minhas próprias categorias ou a relativização de algum termo ou expressão. Aspas duplas serão empregadas como forma de marcar citações e categorias que não as minhas – sejam ‘nativas’ ou de outros pesquisadores.

2. As reflexões em tela são fruto do projeto “Territórios Literários: novas tecnologias, práticas de leitura e de compartilhamento na contemporaneidade”, conduzido desde 2016 pelo Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Cândido Mendes - CESAP/UCAM. Em busca de interlocução com jovens leitores e em consonância com a necessidade de mudar a pergunta em torno de “quanto se lê” para a problemática de “como se lê”, proposta por Nestor Garcia Canclini, foram realizadas entrevistas em profundidade com pessoas de 14 a 39 anos, de diferentes classes sociais e níveis educacionais; etnografia em saraus, SLAMs (disputas de poesia), livrarias, sebos, feiras e lançamento de livros e *fanzines*; bem como em observação de vídeos feitos por *booktubers*, participação em grupos de leitores e autores em redes sociais e plataformas que propiciam a troca de conteúdos literários (Skoob, Medium e Wattpad, por exemplo) e, por fim, promoção de eventos com tais agentes e especialistas nas temáticas de juventude, leitura, corpo e redes sociais digitais.

3. <https://www.bookcrossing.com.br>

4. Um exemplo pode ser visto na *fanpage* da iniciativa “Esqueça um livro”: <https://www.facebook.com/EsquecaUmLivroOficial/>

5. Comunicação realizada na sessão dos Encontros CESAP intitulada “Zoneamentos prosaicos: itinerários do livro e da leitura para além das paredes das bibliotecas”, que também contou com a participação de Gustavo Silva Saldanha. A propósito dos Encontros CESAP oportunos para o fomento de interlocução que, em moldes de pesquisa mais clássicos, seria travada apenas “em campo”, destaco ainda a sessão “As cidades e os gibis: ressignificações, pertencimento e imaginários nos quadrinhos”, com o quadrinista João Carpalhau (in memoriam).

6.

Os livros cartoneros são artesanais e possuem capa de papelão. Os exemplares são produzidos em equipe e visam difundir conteúdo literário a baixo custo, envolvendo vários atores da sociedade na produção: catadores de materiais recicláveis, artistas, escritores, tradutores etc. Os primeiros foram confeccionados por iniciativa do escritor Washington Cucurto e do artista plástico Javier Barilaro, na Argentina, em 2003, quando o país passava por mais uma de suas crises econômicas. Hoje estão presentes em diversas partes do mundo como mote do movimento cartonero.

7. <https://www.facebook.com/paginariovillaforte/>
8. <https://www.facebook.com/PoetasFavelados/>

RESUMOS

Neste texto miramos um conjunto de ações que ‘desencastela’ o corpo do leitor da biblioteca tradicional e outros santuários correlatos, permitindo-nos divisar um leque de relações sociais entretecidas por livros e leitores em circulação na cidade. Ninhos de Livros, Bibliotecas Livres ou Sem Paredes, Gelotecas e iniciativas afins fomentam práticas mobilizadas pelos gestos de ler e “libertar” livros. Os livros e as ações nas quais se imiscuem são as intervenções/armadilhas que nos auxiliam a pensar a cidade como mais do que um mero pano de fundo. Nessa perspectiva, a territorialidade da cidade é espaço ampliado de reflexão, crítica e investigação, palco de alternativas aos circuitos oficiais e elemento fundamental no estabelecimento do corpo a corpo da obra com o público.

In this text we analyze a set of actions that displaces the body of the reader of the traditional library and other related sanctuaries, allowing us to discern a range of social relationships interwoven by books and readers in circulation in the city. Ninhos de livros [book nests], Bibliotecas Livres or Sem Paredes [Free and wall-less libraries], Gelotecas [Upcycle refrigerator libraries] and similar initiatives encourage practices mobilized by the gestures of reading and “liberating” books. The books and actions in which they intermingle are the interventions / traps that help us to think the city as more than a mere backdrop. In this perspective, the urban territoriality is an expanded space for reflection, criticism and investigation, a stage for alternatives to the official circuits and a fundamental element in the establishment of the personal contact of the work with the public.

ÍNDICE

Keywords: book and reading, reading practices, urban intervention, free libraries, bookcrossing

Palavras-chave: livro e leitura, práticas de leitura, intervenção urbana, bibliotecas livres, bookcrossing

AUTOR

LILIAN ALVES GOMES

Universidade Cândido Mendes

Doutora em Antropologia Social – PPGAS / Museu Nacional / UFRJ

E-mail: lilianallves@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1659-7425>